

MENTIRAS E VERDADES NA *PEREGRINAÇÃO* DE FERNÃO MENDES PINTO

Roberto Pontes¹

Resumo

Este artigo analisa as mentiras e verdades postas nas páginas do livro Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, um clássico da literatura de viagens portuguesa. A abordagem levada a cabo aponta a marca hiperbólica, satírica e irônica da narrativa mendiana, que representa a contestação das colonizações lusitanas e a denúncia das atrocidades cometidas em seu curso, o reverso mesmo do épico camoniano.

Palavras-chave: *Literatura de viagens, Sátira, Ironia.*

Résumé

Cet article fait une analyse du mensonge et de la vérité exposés dans les pages du livre Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, un classique dans la littérature de voyage du Portugal. L'abordage suivi jusqu'au bout nous montre le trait hyperbolique, satirique et ironique qui est caractéristique de la narration de Mendes, qui représente la contestation des colonies portugaises et qui dénonce les atrocités commises à cette époque, l'envers exact de l'épopée de Camões.

Mots-clés: *Littérature de voyage, Satire, Ironie.*

O título deste trabalho propõe que sejam aqui discutidas as mentiras e verdades contidas nas páginas do livro *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, que foi incluído por Rebeca Catz, da Universidade da Califórnia, entre as grandes criações literárias da Humanidade, conferindo ao humanista português “um lugar junto de Cervantes, Rabelais, Swift e Voltaire”, como ressalta Luís de Sousa Rebelo (REBELO, 1978, 14) no “Prefácio” que escreveu ao ensaio da autora intitulado *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*.

Entretanto, preliminarmente, registro que este texto foi comunicado no “VI Encontro de Intelectuais e Artistas da Diáspora”, promovido pelo Centro Interamericano Fernando Pessoa. E não podia deixar de assim fazê-lo, pois nosso escritor foi um daqueles portugueses a experimentar a dispersão aventureira durante a quase incrível e heróica era das grandes conquistas marítimas e territoriais de sua pátria.

Ora, deixemos de lado as incertezas relacionadas com a data de nascimento desse notável escritor, bem como as dúvidas quanto a seu berço natal, desde que pouco se sabe a respeito destes e de outros fatos de sua existência. O mínimo de certeza que se tem sobre a biografia de Fernão Mendes Pinto exsurge da própria obra por ele escrita, um tanto autobiográfica, mas repleta de lacunas, informações incompletas, e de poucos registros documentais, fontes reveladas pelos religiosos da Companhia de Jesus, instituição à qual o escritor ensaiou pertencer.

Interessa-nos, antes de qualquer outra consideração, deixar patente que desde o momento em que Antônio José Saraiva escreveu sobre a *Peregrinação*, entre 1956 e 1957, o rumo das leituras concernentes a esta obra foi outro. Publicou Saraiva no “Diário de Notícias” português, de 13 de setembro de 1956, o seguinte posicionamento:

A pergunta que mais vezes se tem feito acerca da Peregrinação é se os fatos nela descritos são verídicos ou imaginados. Esta pergunta interessava os leitores europeus do livro, que teve traduções em várias línguas nos séculos XVII e XVIII, porque procuravam nele, sobretudo, informações sobre países então muito mal conhecidos. Hoje ela não tem sentido, porque o que nos pode interessar na Peregrinação não é a verdade geográfica e etnográfica, mas a intenção da narrativa, o que ela exprime sobre a posição pessoal do autor perante o mundo em que vivia e, através dela, todo um xadrez social e, portanto, humano. Não é a

¹ Poeta, crítico, ensaísta. Doutor em Letras pela PUC/Rio e Prof. Adjunto do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará-UFC.

*verdade geográfica o que hoje nos interessa na Peregrinação, mas outra verdade que só a ficção nos pode dar. Em face de uma obra de arte não se põe a alternativa verdade ou ficção, porque o artista não tem outro meio senão a ficção para manifestar a verdade ou para se explicar de qualquer forma. A ficção não é o oposto da verdade, mas o instrumento dela. A Peregrinação é uma obra de arte, e tanto nos basta.*²

Portanto, após a categórica observação de Antônio José Saraiva, vemo-nos na condição de leitores advertidos de que tanto as *mentiras* quanto as *verdades* a serem verificadas são as da ficção, sabendo-se que esta tem natureza híbrida e se faz de *fingimento*, ao mesmo tempo que de *modo representativo do real*.

Pode-se então afirmar que esta obra de aventura, de viagem e de autobiografia não deixa de apresentar-nos aspectos inteiramente verídicos, sendo esse o caso das informações geográficas, históricas, etnográficas e políticas, entre outras, e também a pura fabulação de deliciosas passagens em que o exagero imaginativo aflora facilmente, a conferir ao escritor a fama de “mentiroso” através dos séculos.

Esta não poderia deixar de lhe caber diante de trechos como aquele que se lê no capítulo 97 de sua famosa obra, a saber:

Há também ao longo deste grande rio da Bantampina [leia-se aqui o rio Yang-Tsé, da China, nota minha], por onde fizemos este nosso caminho da cidade de Nanquim para a de Pequim, que é a distância de cento e oitenta léguas, tanto número de engenhos de açúcar e lagares de vinho e azeites feitos de muitas e muito diversas maneiras, de legumes e frutas, que há há ruas destas casas ao longo do rio, de ua parte e da outra, de duas e três léguas em comprido [grifo nosso], cousa de certo de grandíssima admiração. (PINTO, 1973, 78)

A passagem ora transcrita, como podem perceber, mescla informações verídicas concernentes à geografia chinesa, tendo sido comprovada pelos geógrafos a distância de “cento e oitenta léguas” entre Nanquim e Pequim, com outras, fantasiosas, como haver ruas de casas “ao longo do rio, de ua parte e da outra, de duas e três léguas em comprido”. Ora, se considerarmos que uma légua corresponde a seis quilômetros, as ruas referidas por Fernão Mendes Pinto teriam a extensão de doze a dezoito quilômetros, consistindo seu dimensionamento um óbvio exagero que só a hipérbole literária justifica. Afinal, até nas atuais megalópoles é difícil vermos vias públicas tão extensas. Outro momento imaginativo de Fernão Mendes Pinto diz respeito à fartura de alimentos na China, que ele registra do seguinte modo:

Em outras partes há muitos almazéns de infinidade de mantimentos, e outras tantas casas como terecenas

[terecenas, armazéns] muito compridas, em que chacinam, salgam, empesam [do verbo empesar = arrumar] e defumam todas as sortes de caças e carnes quantas se criam na terra, em que há rumas muito altas de lacões [presuntos], marrãs [porcas recém desleitadas], toucinhos, ádens, patos, grous, batardas [abetardas, aves de caça], emas, veados, búfaros [búfalos], antas, badas [rinocerontes], cavalos, tigres, cães, raposos e toda a mais sorte de animais que a terra cria, que todos estávamos tão pasmados quanto requeria ua tão nova, tão espantosa e quási incrível [incrível] maravilha; e muitas vezes dezíamos que não era possível haver gente no mundo que pudesse acabar de gastar aquilo em toda a vida [grifo nosso]. (PINTO, 1973,79)

Evidente é a hipérbole lograda pelo autor quando considera a comida estocada pelos chineses tanta, que não havia gente suficiente na face da terra capaz de esgotá-la. Fernão Mendes Pinto tem predileção pelas cifras espantosas e isso pode ser constatado noutra passo de seu clássico livro quando faz referência aos ádens [patos] que:

homens traziam a vender, os quais vão pelo rio acima, a remo e a vela, ou como querem, vendendo estas ádens que trazem por mercadoria. E quando vêm que é tempo de lhe darem de comer, se chegam a terra e, onde o campo é mais brejoso e com alguas alagoas d'água, põem pranchas em terra e abrem as portas daqueles sobrados, e dando quatro pancadas num tambor, todas estas aves, que são de seis, sete mil para cima, com ua grande grita saem fora da embarcação e todas de corrida se vão meter no charco de água que está no campo. E passado o espaço em que ao dono lhe parece que elas podem ter comido, torna a tanger o tambor, ao som do qual todas com a mesma grita se tornam a recolher à embarcação donde saíram, e cada ua vai demandar [procurar] o seu sobrado sem faltar ua só; e partindo dali, se vai seu caminho. (PINTO, 1973, 80)

Além de curiosa, esta parte da narrativa volta a incidir na hipérbole, pois o número de ádens é avultado e corresponde mesmo a uma produção, em escala industrial, das granjas de hoje em dia, que atendem a uma procura constante e orientada por uma política de mercado. A narrativa de Fernão Mendes Pinto, portanto, mais uma vez se põe no plano da imaginação fértil.

Poderia ir além com outros exemplos e comentários, como os três até aqui feitos, mas julgamos que estes sejam indicativos suficientes para os leitores. No entanto, não se pode deixar de mencionar, a propósito, um trecho de carta de Dorothy Osborn a seu amigo Sir William Temple, datada de 1614, pouco depois da edição princeps da *Peregrinação*, dando conta do interesse despertado na Inglaterra por este livro:

² Diário de Notícias, Lisboa, 13 de setembro de 1956, artigo reproduzido in SARAIVA, Antônio José. *Para a História da Cultura em Portugal*. Mem Martins: Europa-América, 1972. p.122.

leu a história da China escrita por um Português, Fernando Mendez Pinto, creio que é o nome? Se o não fez, leve-a consigo, é um livro que diverte, como eu nunca li no gênero, e muito bem escrito, deve conferir-lhe o Privilégio de um Viajante e ele não abusa disso, as suas mentiras são tão agradavelmente inócuas como mentiras o podem ser, e não em número muito grande tendo em atenção o escopo que para elas tem. (OSBONE, 1978, 77)

Quanto ao recorte veraz da *Peregrinação*, Rebeca Catz o registra com base num poema escrito em inglês, já no início do século XX, de J. M. Symms, que “reflete bem o respeito deste poeta pela veracidade de Fernão Mendes Pinto, posto que aquele autor se apercebesse das críticas aos portugueses que estão implícitas na *Peregrinação* e de que fez tema para o seu poema “When Pinto Came to Martaban”. (CATZ, 1978, 78)

Ora, é preciso ter em mente ser a obra de Fernão Mendes Pinto antípoda d’*Os Lusíadas*. Se por um lado Luís Vaz de Camões faz a apologia dos feitos lusitanos em seu épico, naturalmente abrindo reflexões graves sobre o processo de conquista de outros povos como no episódio do “Velho do Restelo”, por outro:

a Peregrinação é única nos anais da literatura ibérica, tanto pela superlativa mestria da arte satírica nela patente como pela universalidade da mensagem humana que nela se contém. É, sobretudo, o único documento da época que exprime uma total rejeição da ideologia da Cruzada – mola mestra de toda a ação política e princípios éticos portugueses e artéria vital, mitificada, do Império Português. (CATZ, 1978,61)

Mas o lado verídico da narrativa ora estudada serviu de fonte a um historiador como João de Barros, mais precisamente às suas *Décadas*, no que diz respeito às notícias sobre o Japão (CATZ, 1978,65). E fica muito mais fortalecido quando o viajante-humanista se propõe a dar uma direção aos seus semelhantes:

E que isto sirva de exemplo aos homens, para que, por um lado, os trabalhos da vida não lhes tirem o ânimo de fazer o que devem, pois não há nenhuns, por maiores que sejam, que não suporte a natureza humana, afundada pelo favor divino, e por outro lado, que me ajudem a dar graças ao Senhor onipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos os meus pecados... (PINTO, 1973, I,15)

O livro de Fernão Mendes Pinto tanto tinha e muito tem de *verdade*, que foi escrito com as virtualidades da sátira e da ironia mais refinadas, pois era “um livro subversivo – que mistificava os seus compatriotas e minava as próprias bases da sociedade em que todos viviam.” (CATZ, 1978, 70)

Eis por que os narradores das atrocidades, da barbárie e do vilipêndio praticados pelos portugueses na China e no Japão são postos por Fernão Mendes Pinto na boca dos nativos. Passemos os olhos nas linhas escritas por Antônio José Saraiva a esse respeito:

Essas aventuras são já, no simples relato, impressionantes sucessões de atrocidades. Quem pode mais esquecer a noiva chinesa, de coração festivo e primavera, que é arditamente capturada e atirada para o alcouce dos piratas, no fundo da nau, enquanto o noivo passava à sua procura, no barco embandeirado? E principalmente aquele extraordinário caso do assalto aos mausoléus do reis da China na ilha de Calemply? Antônio de Faria e seus homens, de espada nua, ‘levando todos o nome de Jesus na boca e no coração’, surgindo na paz celeste da ilha indefesa, arrombando os túmulos e espalhando os esqueletos no chão, e cuspidos em cima dos ossos enquanto recolhiam os tesouros nos sacos, arrastando pelas barbas os sacerdotes centenários, que não têm outras armas senão as suas palavras cheias de sabedoria pressaga – palavras de que eles riam com o destemor de quem não acredita senão na espada e no ouro... Nunca talvez na literatura portuguesa se evidenciou mais cruamente a barbárie assoladora destruindo no seu caminho todos os valores civilizados. (SARAIVA, 1972, 125-126)

Estas considerações do ilustre e pranteado homem de cultura Antônio José Saraiva fazem-nos lembrar o diálogo de Antônio de Faria, o temível pirata português, de quem Mendes Pinto foi soldado, com certo menino nativo que dele se aproxima, para ouvir terríveis increpações contra os desmandos cometidos com seu pai, episódio que Rodrigues Lapa intitula “O menino prodígio”, na seleta que fez da *Peregrinação*. (LAPA, 1973, 55-57)

Portanto, e para concluir, temos *mentiras* e *verdades* nos relatos mendianos, sendo que as facécias se disfarçam quase sempre por meio do ornato retórico designado hipérbole, enquanto a crueza das verdades expandidas durante a narrativa são alcançadas por outros recursos pertinentes à melhor arte de narrar, que são a sátira e a ironia, duas técnicas literárias altamente valorizadas nos dias em curso.

Assim, a leitura da *Peregrinação*, livro escrito sob o pálio da diáspora portuguesa, se mantém como documento de cultura contra a barbárie, portanto, fonte de onde mana a *verdade*, sem que esta obra perca, ainda hoje, seu sabor de burla conferido a Fernão Mendes Pinto do dito jocoso com que se deliciam seus patrícios, de conhecimento geral, também uma paródia disjuntiva ao nome do escritor. Gostam muito os portugueses de glosar e trocadilhar com a famosíssima “blague”:

- *Fernão, mentes?*
- *Minto!*”.

Sabia ele muito de consciência que “mentindo” divertia; sabia ele muito astutamente que “mentindo”, denunciava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATZ, Rebeca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- LAPA, Rodrigues. In: PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação* (Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa). Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- OSBORNE, Dorothy apud CATZ, Rebeca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação* (Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa). Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- REBELO, Luís de Sousa. “Prefácio”. In: CATZ, Rebeca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- SARAIVA, Antônio José. *Para a História da Cultura em Portugal*. Mem Martins: Europa-América, 1972.